

Forma de pressão ao ministro

«Letras» de Lisboa farão acções de rua

Os estudantes de Letras da Universidade de Lisboa vão «trazer a luta para as ruas», declarou ontem Leonel Nunes, da Comissão Coordenadora de Estudantes daquela faculdade.

Em conferência de imprensa, Leonel Nunes revelou que os estudantes vão endurecer as suas formas de luta, efectuando várias acções espectaculares de rua entre 9 e 14 de Março, a fim de pressionar o ministro da Educação a recebê-los.

Os estudantes vão realizar uma manifestação nacional em 13 de Março, em Lisboa, e advertem que «tudo o que possa acontecer a partir de agora, caso se mantenha a posição tacanha e autoritária do ministro, será da sua inteira responsabilidade».

Numa «carta aberta» ao ministro, divulgada ontem, os estudantes recordam que estão em luta contra a reestruturação curricular da Faculdade de Letras, pela rejeição do novo regime de transição para os estudantes que já frequentam a Faculdade, pela criação de saídas profissionais e pelo direito ao trabalho.

«Nós sabemos que há soluções, temos propostas e queremos contribuir activamente

para o desenvolvimento do País», afirmam os estudantes.

Leonel Nunes exigiu que a Comissão Coordenadora seja recebida pelo ministro da Educação, para que este assinasse e ratificasse o acordo alcançado pela Comissão Peritória, constituída por representantes dos estudantes e dos conselhos Científico e Pedagógico das Faculdades de Letras de Lisboa, Porto e Coimbra.

Depois de três dias de greve com ocupação das instalações

«LETRAS» DE LISBOA DECIDE ENDURECER FORMAS DE LUTA

Após três dias de greve com ocupação das instalações, os estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa «concluíram pela necessidade de endurecer as suas posições face à ausência de resposta do ministro da Educação e Cultura», revelaram ontem, em conferência de imprensa, elementos da Comissão Coordenadora daquele estabelecimento de ensino superior.

A Faculdade de Letras de Lisboa, como temos vindo a noticiar, além de se manter solidária com a luta desenvolvida pelas faculdades de Letras de Coimbra e do Porto, optou por cumprir até ontem uma greve de três dias com vista a pressionar o ministro da Educação a abandonar o que classificam de «posição irresponsável e in-

tolerante, abertamente e sem preconceitos», e a discutir com os representantes dos alunos todos os pontos do caderno reivindicativo dos estudantes de Letras.

Nesta greve, a Faculdade de Letras de Lisboa avançou mais do que as suas congéneres porque, segundo os elementos da Comissão

Coordenadora, tinha condições para avançar. As novas formas de luta serão adoptadas entre os dias 9 e 14, prevendo-se para o dia 13 de Março uma marcha nacional de estudantes sobre o MEC, «de forma e demonstrando ao sr. ministro e aos responsáveis pela Educação desta país que os estudantes assumem a sua responsabilidade e condição e estão decididos a prosseguir a sua luta até à satisfação das suas reivindicações».

Por estas palavras, segundo afirmaram Leonel Nunes e José Moreira, dois dos membros da Comissão Coordenadora dos estudantes, a ocupação da Faculdade de Letras de Lisboa de-

monstrou unidade e firme disposição dos estudantes levarem a sua luta até ao fim. Isto é, até que o ministro da Educação assinasse e ratificasse o acordo assinado já pelos presidentes dos conse-

gado a sentar-se à mesa com os estudantes.

Numa carta aberta enviada ao ministro da Educação, afirmam que não querem fazer «gaseira» nem estão pa-

los científicos e, naturalmente, os representantes dos estudantes, tornando-o consistente e legal como base de trabalho».

Para isso, os estudantes sublinharam ontem a necessidade de «trair para a rua e fazer ouvir de forma mais forte a sua voz de protesto, de modo que, de forma mais eficaz, o ministro seja obri-

do», não protestam pela simples vontade de estar contra, nem por irreverência juvenil. Os estudantes estão em luta, entre outros motivos, por discordância da imposição de uma reestruturação, pela rejeição do «número clássico», pela discussão de novas saídas profissionais e pelo direito ao trabalho.

COMERCIO DO PORTO P 10

Acções de luta entre 9 e 15 de Março

LETRAS: ESTUDANTES PROTESTAM NA RUA

Os estudantes de Letras da Universidade de Lisboa vão «trazer a luta para as ruas», declarou ontem Leonel Nunes, da Comissão Coordenadora de Estudantes daquela Faculdade.

Em conferência de imprensa, Leonel Nunes revelou que os estudantes vão endurecer as suas formas de luta, efectuando várias acções espectaculares de rua entre 9 e 14 de Março, a fim de pressionar o ministro da Educação a recebê-los.

Os estudantes vão realizar uma manifestação nacional em 13 de Março, em Lisboa, e advertem que, «tudo o que possa acontecer a partir de

agora, caso se mantenha a posição tacanha e autoritária do ministro, será da sua inteira responsabilidade».

Numa «carta aberta» ao ministro, divulgada ontem, os estudantes recordam que estão em luta contra a reestruturação curricular da Faculdade de Letras, pela rejeição do novo regime de transição para os estudantes que já frequentam a Faculdade, pela criação de

saídas profissionais e pelo direito ao trabalho.

«Nós sabemos que há soluções, temos propostas e queremos contribuir activamente para o desenvolvimento do país», afirmam os estudantes.

Leonel Nunes exigiu que a Comissão Coordenadora seja recebida pelo ministro da Educação, para que este assinasse e ratificasse o acordo alcançado pela Comissão Peritória, constituída por representantes dos estudantes e dos conselhos científicos e pedagógicos das faculdades de Letras de Lisboa, Porto e Coimbra.

Coimbra

Alunos, professores e funcionários da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra recusaram aquilo que designam de «função profissionalizante para as faculdades de Letras».

Reunidos em Assembleia Geral de Escola, órgão máximo da Faculdade, que não reúne desde 1979, reafirmaram que a função das faculdades de Letras «é formar licenciados culturais e cientificamente capazes de virem a exercer várias profissões no mundo do trabalho».

«Toda a formação profissio-

nal deve ser posterior à formação académica e deve ser ministrada nos lugares ligados à profissão ou competentes para o fazer», sublinharam.

A Assembleia Geral de Escola rejeitou ainda a introdução de cadeiras profissionalizantes ou psico-pedagógicas como cadeiras curriculares nas licenciaturas em Letras.

Nessa perspectiva recusou a proposta saída de uma reunião efectuada em 20 de Fevereiro entre conselhos científicos e pedagógicos das quatro faculdades de Letras do país, que apontava naquele sentido.

conflito. estudantes